

Assim como Celestino Soddu, um pioneiro no campo da arte generativa, descreveu esta forma de arte como "a ideia realizada como código genético de objetos artificiais" .

A essência da arte generativa está na criação de algoritmos que produzem resultados únicos e imprevisíveis, provendo uma visão mais ampla e profunda sobre como podemos visualizar e compreender a arte generativa. Esse enunciado foi uma peça fundamental no ponto de partida para o projeto, como explorar os limites de realização de uma ideia humana com a colaboração de objetos artificiais. Outra manifestação que inspirou o projeto são os ready-mades de Marcel Duchamp, objetos comuns que ele escolheu e reapresentou como uma forma de oposição à "arte retiniana" . Duchamp propôs uma visão radical, crítica e satírica com seus ready-mades ao deslocá-los de seu contexto original e atribuindo-lhes um novo significado. O projeto adota uma abordagem similar ao integrar IAs não como ferramentas, mas como co-criadoras que influenciam e moldam o resultado final.

Como meio de atuação e criação artística foi utilizada a linguagem de programação em Processing que permite a criação de composições visuais complexas e dinâmicas.

O processing é uma plataforma aberta criada para artistas e designers, facilita a geração de gráficos e animações baseados em código, proporcionando um ambiente onde a arte e a programação se encontram. No "Humanidade Artificial", Processing é utilizado por ser um ambiente híbrido, no qual o humano precisa compreender as formas de se comunicar com um software para que ela possa manifestar suas ideias e construir os visuais.

Em conjunto com o ChatGPT, outro parceiro tecnológico, foram exploradas formas de elaborar e apresentar textos que servem de base para as composições visuais, assim como códigos preliminares que foram utilizados como fonte introdutória de inspiração para as peças. O ChatGPT, uma avançada IA de processamento de linguagem natural, contribuiu com poemas e textos que não são apenas executados por algoritmos, mas são gerados de maneira que simula a criatividade humana. Ao ler sobre o Peter's Haiku Generator [3], um algoritmo específico para a criação de haikus, sua estrutura chamou atenção, pois se assemelha a de um algoritmo. A métrica ideal do haikai consiste em 5 sílabas no primeiro verso, 7 no segundo e 5 no terceiro; porém, não há uma exigência rigorosa, contanto que não ultrapasse 17 sílabas no total, e que também não tenha muito menos do que isso. Essa lógica me chamou atenção e pensei em mergulhar nesse universo dos poemas e suas formas de criar sentido.

Nessa etapa da construção dos textos foram elaborados 3 atos para o projeto.

Ato 1.

Este primeiro ato foi o resultado da exploração de formas de escrever poemas com estilo da poesia dadáista, meu interesse parte da combinação de subverter o sentido lógico da linguagem. Utilizando a técnica da colagem, os dadaístas reorganizavam as palavras aleatoriamente, sem a intervenção da razão ou da lógica, libertando as frases da obrigação de fazer sentido. Pensando em uma abordagem introdutória ao tema do projeto e após inserir informações sobre o projeto esse foi o resultado do primeiro poema.

*“Na tela da vida, a humanidade, artificial, o rio, alma,
mente, binário, silício que pulsa, o código.
Musa observa, imita, IA, humanos, unem-se, desfazendo
lógica, pensar diferente, simbiose.
Essência, libertação, criação, enigma, existencial sem
solução, convite para o baile.
Futuro, humanos, máquinas, criarão mundo novo, sonhos
nunca apagarão, memória coletiva.
Cálida, fria, errática, lógica incalculável, exata, criadora,
replicadora, cruzam-se no código.
Confluir ou confrontar, será simbiose, crescimento,
transformação no pensamento, em um eterno pulsar”*

Ato 2.

Após vários testes, um ponto atravessa os experimentos os limites do ChatGPT em criar novos arranjos de palavras. Como atravessar esses limites? Utilizando o título Humanidade Artificial, foi criado um anagrama com várias palavras e frases, as melhores foram incluídas numa lista e com esse tema da crise e do limite nessa comunicação resultou nesse poema. A palavra “Finaílte” e o termo “manada rica” resume um aspecto que chama a atenção na brincadeira com a recombinação nas novas construções.

“No universo distorcido da humanidade artificial, Drama fatal enunciável emerge como névoa densa, Funda calamidade se entrelaça com a marcha dos bytes, Fumaça daninha envolve a consciência, obscurecendo o caminho. A finalidade humana parece atuar em códigos e algoritmos, Enquanto a manada rica de dados vagueia sem rumo, Admite final como uma sentença inescapável, Afiança tua alma ao destino incerto da era digital. Em meio à fria mãe da altura dos sistemas, Finaílte da existência se desvanece na vastidão do virtual.”

Ato 3.

Este ato encoraja uma reflexão sobre o que significa ser um criador de arte em uma era de máquinas criativas.

“Uma sinfonia na imensidão da rede, a arte que transcende, a máquina que cria, a alma que fragmenta, a mortalidade digitalizada, a imortalidade codificada. Na tela, linhas de código desenham a efemeridade do autor, a persistência da obra. A inteligência artificial, musa contemporânea, dissolve a autoria, reescreve a essência, perpetua a criação. O legado computacional se faz, o réquiem ressoa, o ciclo se completa na fusão do humano e do digital, um eterno pulsar, uma dança de algoritmos, um hino à memória coletiva.”